

LINO DE ALBERGARIA

Ilustrações: Marco Aragão

Chico, Edu e o Nono Ano

COLEÇÃO

4ª edição



Editora
Saraiva

LINO DE ALBERGARIA

Ilustrações: Marco Aragão

Chico, Edu e o Nono Ano



4ª edição

Conforme a nova ortografia

 **Editora
Saraiva**

Copyright © Lino de Albergaria, 2002

Editor: ROGÉRIO GASTALDO

Assistente editorial: ELAINE CRISTINA DEL NERO

Secretária editorial: ROSILAINE REIS DA SILVA

Suplemento de trabalho: ROSANE PAMPLONA

Coordenação de revisão: PEDRO CUNHA JR. E LILIAN SEMENICHIN

Gerência de arte: NAIR DE MEDEIROS BARBOSA

Projeto gráfico e diagramação: EDESEL MOREIRA
GUIMARÃES

Produtor gráfico: ROGÉRIO STRELICIUC

Impressão e acabamento:

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Albergaria, Lino de

Chico, Edu e o nono ano / Lino de Albergaria ; ilustrações
Marco Aragão. — 4. ed. — São Paulo : Saraiva, 2009. —
(Coleção Jabuti)

ISBN 978-85-02-08408-7

1. Literatura infantojuvenil I. Aragão, Marco. II. Título. III. Série.

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

- | | |
|------------------------------|-------|
| 1. Literatura infantojuvenil | 028.5 |
| 2. Literatura juvenil | 028.5 |

8ª tiragem, 2017



Direitos reservados à
SARAIVA Educação S.A.
Avenida das Nações Unidas, 7.221 – Pinheiros
CEP 05425-902 – São Paulo – SP
www.editorasaraiva.com.br

Tel.: (0xx11) 4003-3061
atendimento@aticascipione.com.br

CL: 810098
CAE: 571370

Para
Kandy Sgarbi de Almeida Saraiva.

Com meu carinho,

Lino

1

Uma espinha no nariz é uma coisa que me irrita. As espinhas começaram a aparecer, com muita frequência, pelo meu rosto. Espinhas não são lá muito bonitas, mas, no nariz, é um vexame! Principalmente, porque o Edu nunca teve uma espinha no nariz. E elas aparecem muito menos no rosto dele. Na semana passada, me apareceram duas na testa e, na dele, só uma.

— É que seus hormônios estão fervendo mais depressa que os dele! — me disse a Nara.

A Nara é uma das minhas irmãs mais velhas, porque ela também tem uma gêmea, a Betânia. A Nara já passou por esse problema de acne e foi ela quem me falou desse creme que eu passo no rosto. E que o Edu vem sempre me roubar. Está na hora de comprar o dele, afinal eu preciso mais.

Pois é, somos uma casa de gêmeos. Dois casais, como costuma dizer minha mãe. E que meu pai corrige. Ele entende que um casal de gêmeos existiria se eu e Nara tivéssemos a mesma idade ou o Edu e a Betânia tivessem nascido no mesmo dia. Dois pares, ele costuma dizer. Um par de moças e um par de rapazes.

Bem que eu e a Nara podíamos ser gêmeos de verdade. Temos um gênio muito parecido e eu sou o irmão preferido dela. A Betânia se dá melhor com o Eduardo. Na verdade, poderíamos compor um quarteto, caso a gente gostasse de cantar. Quem inventou nossos nomes, cada um deles, foi meu pai. Todos tirados da música popular brasileira. Eu sou o Francisco. Mais popularmente, Chico.

Parece que o cantor que inspirou meu nome é tímido à beça. Eu não sou muito, não. Meu irmão é um pouco mais do que eu. Mas numa coisa meu pai acertou. Chico e Nara cantavam muito juntos, eram tão chegados quanto eu e minha irmã. Só que, na vida real, a Nara cantora morreu. Não gosto nem de pensar que isso pode acontecer um dia, de eu perder a minha irmã.

Um dia, ou melhor, uma noite, tive um pesadelo. A morte estava batendo na porta de nossa casa. Tinha vindo buscar minha irmã predileta. A Narinha estava dormindo no

quarto. Então, eu disse para a morte (que era uma mulher muito enrugada e de cabelos compridos e brancos) que ela estava tomando banho. Mas quem estava no chuveiro era a Betânia. Como as duas são superparecidas, eu tinha certeza de que poderia enganar a bruxa. Só que acordei, antes que ela pegasse alguém.

Quando contei esse sonho para a Nara, fiz ela jurar que não contaria para a Betânia. Ela achou muito engraçado, mas jurou. Não contei para ninguém mais, nem para o Edu. A Betânia nunca ia me perdoar eu a ter entregado, mesmo em sonho.

Entre nós, a gente tem um pacto. Ninguém entrega ninguém, quando algum de nós apronta, e não dá para nossos pais ou professores sacarem quem foi o culpado, no caso de ter sido mesmo só um. Meu pai ainda fica uma arara com nosso silêncio. Minha mãe há muito tempo que já deixou pra lá. Ela é mais *relax*. E meio desligada também. Ainda confunde a Betânia com a Nara até hoje. E vive trocando meu nome com o do Eduardo.

Às vezes eu ainda me assusto com o meu irmão. Tem hora que eu não percebo quando o Edu aparece. Ele surge do nada, sem fazer barulho. Eu estava olhando meu nariz no espelho, vendo aquele calombo vermelho. Decidi abrir o tubo de creme e espremi um pouco na ponta do meu dedo. Olhei de novo para o meu nariz e a espinha tinha sumido. Só que aqueles olhos acima do nariz não eram os meus. Soltei um grito.

— Pô, Edu! Quer me matar de susto?

Ele tinha aparecido, entrado no banheiro em silêncio, e aquele nariz e aqueles olhos eram os dele. De relance, achei que eu tinha, primeiro, perdido o meu rosto. Depois, achei que tinha duas caras, dois narizes, quatro olhos. Só depois que gritei, entendi que ali havia duas imagens refletidas.

Ele nem se mancou. Estava examinando o próprio rosto, meio virado de lado.

— Está nascendo uma aqui no queixo — resmungou.

Era um pontinho mínimo, perto daquele caroço no meu nariz. Mas, mesmo assim, ele já estava espalhando meu creme pelo queixo inteiro. E eu na maior economia, tentando acertar só aquele volume bem pertinho da ponta do meu nariz.



Até minha mãe me confunde com meu irmão. Bom, ela tem lá uma certa fama de distraída. Uma de minhas irmãs, a Nara, costuma dizer que a mamãe é meio lelé. Mas a Nara é assim, fala o que deve e o que não deve. Tão diferente da Betânia! E as duas também são gêmeas. Mas nem eu, nem o Chico, nem nosso pai confundimos uma com a outra. Bom, minha mãe, de vez em quando, ainda troca as bolas. Mesmo depois que a Nara cortou os cabelos muito mais curtos que os da Betânia. As duas fazem tudo para não parecerem aquele par de jarras iguais, como ainda são certos gêmeos, principalmente quando crianças. Os pais têm mania de vestirem os gêmeos de roupinha igual. Quando começam a crescer, todos acham isso um saco.

Pelo menos, nós quatro achamos. Se bem que meu irmão e eu, embora tenhamos roupas diferentes, costumamos vestir um a roupa do outro. O Chico, aliás, diz que sou eu quem está sempre usando as roupas dele. Mas ele também adora as minhas, principalmente quando estão novas. Mas as manas são radicais. Cada uma tem o próprio guarda-roupa e ninguém mexe no armário da outra. E a Betânia está a fim de pintar o cabelo. Quem não deixa é o meu pai, que realmente adora decidir nossa vida. Afinal, nossos nomes musicais foi ele quem inventou. Minha mãe acho que não perceberia se a Betânia aparecesse loura ou ruiva. Só ia se dar conta depois do escândalo que seu Otávio, o marido dela e chefe da nossa família, iria fazer. Sorte deles que não é a Nara quem tem essa vontade. Porque, no mínimo, iria aparecer de cabelo roxo. Ela é a mais radical de nós, mas não é tão vaidosa quanto a Betânia.

Eu também sou meio vaidoso, acho. Sempre fiquei mais tempo diante do espelho que o Francisco. Apesar de, confesso, não conseguir mudar muito o resultado. Principalmente quando estamos de uniforme. As pessoas acham que nós dois somos iguazinhos. É que temos o mesmo tamanho, o mesmo peso e nosso corte de cabelo é igual. Afinal, nenhum dos dois gosta de cabelo comprido e nenhum se animou a colocar pelo menos uma mecha loura. Também

